

PSICANÁLISE E SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA: O FENÔMENO DA TRANSFERÊNCIA E DUAS RECOMENDAÇÕES DE FREUD SOBRE A TÉCNICA: A AMBIÇÃO TERAPÊUTICA E O PONTO CEGO

PSYCHOANALYSIS AND THE PSYCHOLOGY TRAINING CLINIC: TRANSFERENCE AND
TWO FREUDIAN TECHNICAL RECOMMENDATIONS ON THERAPEUTIC AMBITION
AND THE BLIND SPOT

Álvaro Tadeu Dias Barcelos¹

Fábio de Menezes²

Jéssica Simão Brito Rezende³

Maria Clara Silva Soares⁴

Ricardo Luiz Alves Pimenta⁵

RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre a viabilidade e os paradoxos da prática psicanalítica no contexto do Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) da Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM). Adota-se como eixo teórico norteador o conceito de transferência — motor e bússola da clínica —, articulando-o a duas recomendações técnicas freudianas, extraídas no texto “*Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*” de 1912: o manejo da ambição terapêutica (*furor sanandi*) e a retificação do estagiário frente ao ponto cego. Discute-se como a inserção no serviço-escola atravessa a dinâmica dual tradicional, estabelecendo uma transferência inicial com a instituição e impondo entraves burocráticos e temporais. Diante dos limites da formação generalista e do risco de equivocar-se nos diferentes métodos, destaca-se a função do supervisor-analista no balizamento de uma aposta ética orientada pelo desejo. Conclui-se que a Psicanálise na universidade é viável e politicamente potente, desde que amparada no rigor do tripé psicanalítico (teoria, supervisão e análise pessoal), viabilizando a emergência do sujeito do inconsciente.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise Freudiana; Serviço de Psicologia Aplicado; Transferência; Ambição terapêutica; Ponto cego.

ABSTRACT

This article examines the feasibility and paradoxes of psychoanalytic practice within the Psychology Training Clinic (SPA) at the Catholic College of Pará de Minas (FAPAM). The study is theoretically grounded in the concept of transference, understood as both the driving force and guiding principle of psychoanalytic practice, and articulates it with two Freudian technical recommendations presented in the 1912 paper *Recommendations to Physicians Practising Psycho-Analysis*: the management of therapeutic ambition (*furor sanandi*) and the trainee's confrontation

¹Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas (FAPAM). E-mail: alvarobressane616@gmail.com

²Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas (FAPAM). E-mail: fabio_menezes@outlook.pt

³Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas (FAPAM). E-mail: jessybrito2003@gmail.com

⁴Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas (FAPAM). E-mail: clara.s74@hotmail.com

⁵Mestrado em Psicologia pela PUC Minas (2018). Especialização em Saúde Mental pela PUC Minas (2012). Graduação em Psicologia pela UEMG Universidade do Estado de Minas Gerais (2009). Psicanalista - Membro Fundador do GEP - Grupo de Estudos em Psicanálise - Itaúna/MG (2013-Atual). Professor do Curso de Psicologia da FAPAM Faculdade Católica de Pará de Minas. Professor de Pós-graduação em Teoria e Clínica Psicanalítica da FAPAM Faculdade Católica de Pará de Minas. Professor da Pós-graduação Psicanálise e Saúde Mental do INEXPSI Instituto de Excelência em Psicologia em Divinópolis/MG FABEX. Compõe o Corpo Docente Permanente da Faculdade APAE Brasil Dr. Eduardo Barbosa. E-mail: ricardo.pimenta@fapam.edu.br

with the analyst's blind spot. The discussion explores how the institutional setting reshapes the traditional analytic dyad by establishing an initial transference to the institution while simultaneously introducing bureaucratic and temporal constraints. Given the limitations of generalist psychological training and the risk of conflating distinct therapeutic methods, the study emphasizes the role of the analyst-supervisor in sustaining an ethical orientation grounded in desire. It concludes that psychoanalysis within the university setting is both viable and politically significant, provided that it is supported by the rigor of the psychoanalytic triad of theory, supervision, and personal analysis, thereby enabling the emergence of the subject of the unconscious.

KEYWORDS: Freudian Psychoanalysis; Psychology Training Clinic; Transference; *Furor Sanandi*; Blind Spot.

1 INTRODUÇÃO

A inserção da Psicanálise em contextos institucionais representa uma exigência histórica e um desafio ético que se impõem, de modo singular, à prática clínica em serviços-escola. No Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) da Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM), esse desafio se materializa à medida que os estagiários vivenciam a oportunidade de aprender a escuta psicanalítica em um espaço que, por sua natureza institucional, impõe atravessamentos que excedem os limites do *setting* analítico tradicional. Longe de se configurar como uma transposição mecânica do consultório privado para a esfera pública, a clínica psicanalítica nas instituições exige reflexões técnicas e éticas de seus operadores fundamentais para acolher o sofrimento psíquico sob a égide da vulnerabilidade social e das amarras burocráticas (Ortolan; Sei, 2022).

Cumpramos ressaltar que a inserção da clínica psicanalítica nesse cenário pode vir a evocar um tensionamento discursivo que se inicia na própria nomeação do espaço institucional. Embora formalmente designado pelas instâncias burocráticas e normativas da faculdade como Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) — concordância gramatical que historicamente delimita a transição da psicologia teórica para a prática social —, a *práxis* de orientação freudiana convoca a reflexões técnicas e éticas desse conceito. O método psicanalítico não se reduz a uma aplicação mecanicista ou instrumental de manuais psicológicos sobre o sujeito; antes, configura-se como um verdadeiro “serviço aplicado”, colocado em ato na realidade social da instituição.

Para compreender a legitimidade desse fazer clínico, faz-se necessário resgatar uma linha do tempo histórica cujo marco localiza-se no V Congresso Psicanalítico Internacional em Budapeste, em 1918. Naquela ocasião, Freud (1919/2010) vislumbrou que o alcance da Psicanálise não poderia permanecer circunscrito aos consultórios privados da burguesia vienense. Ao refletir sobre os novos caminhos da terapia analítica, o autor propôs sua extensão aos serviços públicos, argumentando de forma veemente que a neurose socializada produzia estragos tão incapacitantes quanto as grandes epidemias orgânicas da época:

Pode-se prever que em algum momento a consciência da sociedade despertará, advertindo-a de que o pobre tem tanto direito a auxílio psíquico quanto hoje em dia já tem a cirurgias vitais. E que as neuroses não afetam menos a saúde do povo do que a tuberculose, e assim como esta não podem ser deixadas ao impotente cuidado do indivíduo. Criar-se-ão então estabelecimentos ou clínicas de consulta [...], para que os homens que de outro modo se entregariam à bebida, as mulheres que ameaçam desabar sob o peso das privações, as crianças para as quais não há senão a escolha entre a delinquência ou a neurose sejam tornados, através da análise, capazes de resistir e de realizar suas tarefas (Freud, 1919/2010, p. 291-292).

Essa aposta freudiana sobre a democratização da escuta encontrou, no cenário brasileiro, um importante esteio jurídico e institucional. Com o reconhecimento da Psicologia como ciência e profissão no Brasil, por meio da Lei nº 4.119/1962, passou a ser obrigatória a instituição dos Serviços-Escola de Psicologia (SEPs) pelas faculdades e universidades como fundamentais na prática profissionalizante para os discentes (Ortolan; Sei; Victrio, 2018 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 70). Historicamente, no ambiente acadêmico do país, o ensino e a transmissão da Psicanálise na graduação encontram-se intimamente atrelados aos cursos de Psicologia. Os Serviços-Escola de Psicologia (SEPs) cumprem uma valiosa função de prestação de serviços, caracterizando-se como “um espaço de abertura, com um movimento de circulação, no qual o que está fora entra (a comunidade) e o que está dentro sai (a Psicologia, a Psicanálise)” (Santos; Ferrari, 2016 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 70).

Essa dinâmica de intercâmbio ganha contornos ainda mais complexos quando tensionada pelas políticas públicas de saúde mental decorrentes da Reforma Psiquiátrica. O modelo de atenção descentralizada convoca as Unidades Básicas de Saúde (UBS), os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), as Unidades de Pronto-Atendimento (UPA) e os Hospitais Gerais ao acolhimento compartilhado do sofrimento psíquico (Albuquerque *et al.*, 2017 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 69). Embora os serviços-escola não estejam formalmente inseridos na estrutura jurídica da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), a realidade prática da assistência revela que tais dispositivos são massivamente utilizados pelos municípios, absorvendo encaminhamentos de transtornos leves e moderados advindos da atenção primária (Santos; Mandelbaum, 2016 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 70). Desse modo, os Serviços-Escola de Psicologia (SEPs) — tal como o Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) da Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM) — consolidam-se como engrenagens fundamentais na composição da rede assistencial da região, convertendo projetos de extensão e estágios em potentes e inovadoras intervenções sociais (Ortolan; Sei; Victrio, 2018 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 70).

É justamente nesse território de encruzilhada entre a universidade e o Sistema Único de Saúde (SUS) que a clínica de orientação psicanalítica é desafiada a operar. Diante disso, consolida-se o entendimento de que o ofício do psicanalista, pautado por sua técnica e balizado por sua ética, “é possível de ser realizado em todo lugar, se, neste lugar, a pessoa possa expressar suas questões

emocionais” (Fernandes, 2017 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 66). Contudo, essa inserção institucional não ocorre sem ranhuras. Ela exige do estagiário uma constante e rigorosa reinvenção teórica e prática, visto que, conforme adverte Figueiredo (2009), “as novidades na forma de teorizar e praticar Psicanálise respondem em grande medida aos novos limites, externos e internos, para a chamada ‘clínica padrão’” (p. 14 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 67).

Essa necessária maleabilidade do método para além do divã clássico encontra eco nas diretrizes do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Psicologia da Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM, 2026). O documento preconiza que as práticas no Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) devem desenvolver competências voltadas à leitura crítica dos fenômenos psicológicos em consonância com as demandas sociais, exigindo que o futuro profissional articule o rigor científico à sensibilidade ética frente à diversidade subjetiva dos usuários (Fapam, 2026). Sob essa perspectiva, emergem os impasses clínicos que desafiam o estudante: como sustentar uma clínica orientada pelo inconsciente — avessa a prazos rígidos — sob as amarras do tempo cronológico do calendário acadêmico e da triagem burocrática institucional? Para que a escuta analítica não sucumba à pressão por metas quantitativas ou respostas corretivas imediatas, o estagiário deve resgatar a máxima freudiana de que a psicologia individual é, desde a sua origem, indissociável da psicologia social (Freud, 1921/2011b).

Frente a esse cenário complexo, este artigo objetiva refletir sobre a viabilidade e os paradoxos da prática psicanalítica no contexto do Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) da Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM). Para tanto, adota-se como eixo teórico norteador o fenômeno da transferência — motor e bússola da experiência clínica —, articulando-o dialeticamente a duas recomendações técnicas fundamentais extraídas dos escritos freudianos de *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1912/2010d): o manejo clínico diante da ambição terapêutica (ou *furor sanandi*) e a retificação do clínico frente ao ponto cego na percepção psicanalítica. Pretende-se demonstrar que a sustentação rigorosa do tripé psicanalítico — teoria, supervisão e análise pessoal — constitui o único recurso capaz de advertir o estagiário a sustentar um lugar ético de escuta, transformando as barreiras da burocracia institucional em aberturas para a emergência do sujeito do inconsciente.

Para melhor leitura deste estudo, o artigo se fundamenta por meio da metodologia de revisão bibliográfica e apresenta a seguinte composição: Introdução; seguida da fundamentação teórica, intitulada “A *práxis* da psicanálise no serviço de psicologia aplicado (SPA): o fenômeno da transferência e duas recomendações de Freud sobre a técnica: a ambição terapêutica e o ponto cego”. A fundamentação teórica subdividiu-se em três subtópicos, a saber: “O fenômeno da transferência como mola propulsora da clínica psicanalítica”; “A *práxis* da psicanálise no serviço de

psicologia aplicado (SPA)” e “Duas recomendações sobre a técnica freudiana no serviço-escola: a ambição terapêutica e o ponto cego”. O artigo encerrou com as considerações finais, destacando os resultados bibliográficos alcançados, disponibilizando as referências bibliográficas.

2 DESENVOLVIMENTO

A PRÁXIS DA PSICANÁLISE NO SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADO (SPA): O FENÔMENO DA TRANSFERÊNCIA E DUAS RECOMENDAÇÕES DE FREUD SOBRE A TÉCNICA: A AMBICÃO TERAPÊUTICA E O PONTO CEGO

2.1 O FENÔMENO DA TRANSFERÊNCIA COMO MOLA PROPULSORA DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

No âmbito do constructo teórico psicanalítico, a transferência configura-se como a “mola propulsora do trabalho” (Freud, 1917/2014a, p. 586) e o próprio terreno onde a experiência clínica se desdobra. Longe de ser apenas um mero obstáculo ou uma interferência no processo de cura, Freud (1912/2010a) demonstra em seu célebre texto *A dinâmica da transferência* que esse fenômeno constitui a atualização de imagos inconscientes e protótipos infantis que encontram na figura do clínico um objeto de repetição. O sujeito, ao ingressar em análise, reedita suas fixações libidinais e seus modos primitivos de satisfação e sofrimento, endereçando-os diretamente ao analista, que passa a ocupar provisoriamente esses lugares do passado.

Essa operação conceitual é consolidada por Freud (1917/2014b) na *Conferência 27: A Transferência*, na qual o autor aponta que a neurose comum do paciente é progressivamente substituída por uma neurose de transferência. Conforme esclarecem Laplanche e Pontalis (2001), esse conceito comporta uma dupla vertente fundamental: uma nosográfica, que define as psiconeuroses pela capacidade do sujeito de deslocar sua libido para objetos (diferenciando-as das neuroses narcísicas), e outra clínico-terapêutica, que a caracteriza como uma “doença artificial” constituída na relação com o analista. Através desta última vertente, os sintomas comuns e difusos do paciente passam a se recentrar na situação analítica, funcionando como uma nova edição da neurose clínica cuja elucidação evoca a neurose infantil.

Percebe-se assim, que na configuração da transferência, enquanto neurose de transferência, o paciente transmuta o *setting* terapêutico em um verdadeiro campo de batalha onde as resistências inconscientes, ganham corpo nessa nova “doença artificial” e devem ser minuciosamente decifradas (Freud, 1917/2014b). Ademais, a partir das elaborações contidas em *O início do tratamento*, Freud (1913/2010c) assinala que o estabelecimento desse laço afetivo e libidinal é o que viabiliza o cumprimento da regra fundamental da associação livre, oferecendo o suporte transferencial

necessário para que o sofrimento bruto e desorganizado ganhe o estatuto de um enigma subjetivo a ser decifrado.

Didaticamente, para fins de manejo técnico, essa dinâmica divide-se em duas vertentes principais: a transferência positiva — que abarca desde sentimentos amistosos e sublimados até o cenário complexo delineado em *Observações sobre o amor transferencial* (Freud, 1915/2010b) — e a transferência negativa, sistematicamente marcada por afetos hostis, sentimentos de desconfiança e rivalidades imaginárias (Freud, 1912/2010a). Ambas as vertentes operam como ferrenhas resistências quando permanecem encobertas ou quando são tomadas de forma literal pelo analista; contudo, convertem-se no material clínico mais rico e potente da análise se forem manejadas adequadamente, servindo como a via de acesso privilegiada ao inconsciente do sujeito (Freud, 1912/2010a). Como sintetizado pelas premissas metapsicológicas, o entendimento do funcionamento psíquico exige o reconhecimento dos pilares da teoria psicanalítica:

A suposição de que há processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e da repressão, a consideração da sexualidade e do complexo de Édipo são os principais conteúdos da psicanálise e os fundamentos de sua teoria, e quem não puder aceitá-los não deveria considerar-se um psicanalista (Freud, 1923/2011a, p. 292).

Em suma, a articulação dos escritos freudianos proposta nesta subseção não traz a pretensão de esgotar a vasta densidade conceitual que circunda o tema, mas sim de oferecer um suporte inicial para se compreender que a transferência constitui a própria força motriz da clínica. Longe de estabelecer diretrizes dogmáticas ou definitivas, o resgate dessas referências clássicas busca propor balizas éticas ao estagiário em formação, sublinhando que a *práxis* psicanalítica repousa na reedição de conflitos inconscientes e no endereçamento de imagos infantis que encontram no espaço de escuta um lugar de repetição.

Espera-se, por meio deste esclarecimento teórico, edificar um alicerce metapsicológico que auxilie o estudante a mapear, com a prudência acadêmica e clínica necessária, o duplo estatuto do fenômeno transferencial em suas vertentes positiva e negativa. A apreensão dessas nuances — que operam alternadamente como motor do tratamento e como obstinada resistência — funciona como uma bússola indispensável para a condução dos casos. Fornece-se, assim, a sustentação conceitual para que o acadêmico possa acolher e suportar os atravessamentos que inevitavelmente se impõem quando a escuta do inconsciente é transposta para o cenário institucional do serviço-escola.

2.2 A PRÁXIS DA PSICANÁLISE NO SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADO (SPA)

Ao transpor o fenômeno da transferência para o contexto do Serviço de Psicologia Aplicado (SPA), a dinâmica adquire contornos institucionais que complexificam sensivelmente o manejo

clínico. Conforme pontuam Ortolan e Sei (2022, p. 78), no espaço físico e simbólico do serviço-escola de Psicologia, a transferência deixa de ser estritamente dual — restrita ao par analista-analisando — e passa a ser permanentemente atravessada pelas contingências burocráticas, administrativas e pedagógicas da própria faculdade. Diferente do consultório privado tradicional, onde o sujeito procura diretamente o profissional, o primeiro contato do usuário do Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) ocorre mediado pela instituição, através da secretaria, de filas de espera e de fichas de inscrição, para somente em um momento posterior encontrar o estagiário no *setting* analítico.

Desse modo, a transferência inicial opera primordialmente com a instituição Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM), depositária de uma autoridade simbólica que a legitima perante a comunidade local, configurando o ponto de partida para o início do processo terapêutico. Esse endereçamento prévio a uma autoridade externa fixada fora do estagiário pode, por um lado, facilitar o acolhimento, mas, por outro, corre o risco de cristalizar uma dependência passiva e assistencialista por parte do usuário ou atuar como uma resistência encoberta. Esse entrave é intensificado pelo limite temporal rígido do contrato de estágio e do calendário semestral, que impõe, de saída, um “núcleo resistencial” ao estabelecimento do vínculo duradouro (Alcantara, 2010 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 79). Assim, o manejo exige que o estagiário sustente um lugar advertido, guiado pela ética do desejo: “a condução de cada caso, considerando o usuário do SEP como sujeito desejante, o desejo do estagiário como operador que sustente a transferência, e a posição desejante do supervisor-analista que subsidia o funcionamento da máquina psicanalítica” (Ortolan; Sei, 2022, p. 80).

O ofício do psicanalista, portanto, pautado pelo exercício rigoroso dessa ética, demonstra-se perfeitamente possível de ser realizado em ambientes institucionais, desde que o espaço salvasse a possibilidade de o sujeito expressar suas questões emocionais singulares (Fernandes, 2017 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 66). O desafio técnico do acadêmico reside em operar o giro transferencial, viabilizando o deslocamento dessa demanda inicial direcionada à faculdade burocrática para a emergência da divisão subjetiva do caso a caso.

2.3 DUAS RECOMENDAÇÕES SOBRE A TÉCNICA FREUDIANA NO SERVIÇO-ESCOLA: A AMBIÇÃO TERAPÊUTICA E O PONTO CEGO

Na *práxis* cotidiana do Serviço de Psicologia Aplicado (SPA), torna-se imperativo balizar duas recomendações técnicas fundamentais legadas por Freud em seu texto “*Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*” de 1912. A primeira delas diz respeito ao alerta rigoroso sobre a

ambição terapêutica (Freud, 1912/2010b), descrita como um afeto extremamente perigoso capaz de deixar o analista completamente indefeso diante das resistências do paciente. O estagiário em formação, premido pela urgência do tempo institucional e capturado pela exigência imaginária de oferecer respostas imediatas à supervisão, pode, frequentemente, responder com uma atuação técnica pautada no anseio de cura — o chamado *furor sanandi*. Para contrapor essa armadilha, requer-se uma “frieza de sentimentos” (Freud, 1912/2010a), postura que, longe de significar apatia, indiferença ou distanciamento desumano, aqui funciona como uma proteção indispensável para a vida afetiva do estagiário e garante, paradoxalmente, o maior grau de ajuda possível ao doente, preservando a neutralidade necessária para a escuta do inconsciente.

Por derradeiro, faz-se necessário enfrentar o obstáculo do “ponto cego” na percepção psicanalítica. Freud (1912/2010b) inferiu de forma categórica que o analista deve tomar profundo conhecimento de seus próprios complexos inconscientes para não distorcer ou prejudicar a livre recepção do material clínico trazido pelo analisando. Quando uma dor ou conflito do usuário toca em um núcleo neurótico não trabalhado do estagiário, a escuta é imediatamente soterrada pelo seu ponto cego, dificultando a escuta analítica. Esses impasses técnicos e pontos cegos são agudizados pelas próprias limitações estruturais que caracterizam a formação generalista na graduação em Psicologia. Conforme sinalizam Santos e Ferrari (2016), a pluralidade de abordagens teóricas ofertadas ao longo do percurso acadêmico muitas vezes impede um aprofundamento rigoroso dos conceitos fundamentais da metapsicologia e da técnica freudiana, culminando em cenários onde os estagiários ingressam no Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) ainda indecisos quanto à escolha de sua linha de atuação.

Esse hibridismo formativo frequentemente induz o estudante a incorrer em um prejudicial “equivoco dos métodos” terapêuticos na tentativa de responder à angústia do paciente, o que pode comprometer gravemente a eficácia do atendimento no serviço-escola (Santos & Ferrari, 2016 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 74). Para fazer frente a esse risco, Lampert (2019) adverte que o ensino da Psicanálise na universidade é plenamente realizável e representa um avanço discursivo que vai além da mera divulgação científica, desde que sejam rigorosamente respeitadas as suas particularidades de transmissão (apud Ortolan; Sei, 2022, p. 74). Essa transmissão se consolida na academia a partir de eixos específicos: a apresentação e discussão sistemática dos conceitos fundantes e pressupostos teóricos, a explicitação minuciosa da *práxis* clínica e o debate acerca dos procedimentos de pesquisa que legitimam a Psicanálise como um saber vivo em circulação no espaço universitário (Aires, 2019 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 74-75).

Esse cenário de ranhuras institucionais convoca a uma constante e potente reinvenção do método, pois, como pontua Figueiredo (2009), “as novidades na forma de teorizar e praticar

psicanálise respondem em grande medida aos novos limites, externos e internos, para a chamada ‘clínica padrão’” (p. 14 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 67). Diante disso, a função do supervisor assume uma dimensão estritamente transferencial e analítica. Uma vez compreendido que não faz parte do escopo da universidade a formação de psicanalistas *stricto sensu*, resta ao supervisor-analista a tarefa de abdicar de garantias prévias e edificar um espaço de verdadeira reinvenção do método, sustentando uma aposta ética e clínica no caso a caso (Aires, 2019 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 76). A condução da supervisão, portanto, distancia-se de uma mera correção pedagógica ou burocrática para se situar na “pretensão de despertar nos estagiários uma relação com a prática clínica que não se limite à reprodução de uma técnica ou que se restrinja a um exercício de redução de sofrimento e adaptação do sujeito ao meio social” (Aires, 2019, p. 48 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 76).

Sob a escuta atenta e o suporte metodológico construídos no espaço dessas supervisões clínicas — conduzidas por professor-orientador com consolidada experiência no método psicanalítico —, torna-se possível a transmissão do saber psicanalítico ao apreender a transferência não como uma resistência estática, mas como o terreno vivo onde o analisando atualiza suas amarras libidinais e seus protótipos infantis inconscientes. É através desse laço transferencial estabelecido entre o aluno e o supervisor-analista que o acadêmico pode se desvencilhar do *furor sanandi*, deslocando-se do lugar de um técnico aplicador de regras para se implicar como um sujeito advertido pelo desejo.

Diante disso, o desafio ético fundamental no manejo do Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) reside na capacidade do estudante de não ceder às pressões institucionais por resultados corretivos imediatos ou metas quantitativas. Frente à angústia massiva do usuário, o acadêmico deve sustentar firmemente a atenção flutuante, recusando posturas pedagógicas e acolhendo o sintoma como uma expressão singular do sujeito que merece ser investigada, e não silenciada. Essa complexa travessia clínica exige, de forma intransigente, a sustentação do tripé psicanalítico clássico, convocando o estudante a se implicar ativamente em sua própria análise pessoal, nas atualizações dos estudos teóricos e nas supervisões clínicas conduzidas pelo professor-orientador.

Em suma, a articulação teórica desenvolvida nesta subseção não visa esgotar os múltiplos atravessamentos que condicionam a inserção da Psicanálise na universidade, mas sim fornecer balizas iniciais para que o estagiário reconheça o impacto da ambição terapêutica e do ponto cego no cotidiano do serviço-escola. O resgate dos escritos freudianos demonstra que o desvencilhamento do *furor sanandi* e a retificação subjetiva frente às próprias resistências não constituem metas técnicas definitivas, mas direções éticas a serem sustentadas a cada atendimento. Longe de adotar uma postura dogmática, espera-se que este levantamento bibliográfico funcione

como um norteador prudente para que o estudante compreenda que os impasses na escuta são indissociáveis da prática.

Por conseguinte, a literatura científica contemporânea mobilizada nesta etapa esclarece que a transmissão do método no espaço universitário demanda a sustentação intransigente do tripé psicanalítico tradicional como resposta às ranhuras e pressões burocráticas. A articulação entre a teoria freudiana, as formulações sobre a formação generalista e a discussão acerca do papel transferencial da supervisão consolida um alicerce mínimo para que o acadêmico não ceda às demandas de cura corretiva ou metas adaptativas. Conclui-se, portanto, com a cautela metodológica necessária, que é justamente nessa complexa travessia — amparada na análise pessoal, estudo teórico contínuo e no suporte da supervisão com um professor-orientador capacitado — que o estudante pode renunciar à aplicação mecânica e assumir a posição ética de um sujeito implicado pelo desejo diante do sofrimento humano.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação acerca da prática clínica no Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) da Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM) permite inferir que o exercício da Psicanálise em contextos institucionais é perfeitamente viável, ainda que permanentemente tensionado por importantes desafios técnicos, burocráticos e pedagógicos. Conforme evidenciado ao longo deste artigo, a transposição do método freudiano para a estrutura de um serviço-escola difere radicalmente da maneira como é exercida no consultório particular tradicional. No Serviço de Psicologia Aplicado (SPA), o acolhimento inicial é inevitavelmente atravessado pelas instâncias administrativas da faculdade, como os balcões de secretaria, a triagem documental e as listas de espera. Todavia, longe de inviabilizar a escuta analítica, essa imersão institucional converte-se em um valioso campo de *práxis* que descentraliza o cuidado em saúde mental, atestando que, mesmo diante das amarras burocráticas e dos limites temporais do calendário acadêmico, o método de escuta do inconsciente consegue operar e produzir efeitos de retificação subjetiva.

Diante da rigidez das exigências institucionais, o rigor com os operadores fundamentais da técnica torna-se a única salvaguarda ética do estagiário. Nesse cenário, o manejo da transferência consolida-se como o motor indelével do tratamento psicoterapêutico. Sob a escuta atenta e o suporte metodológico construídos no espaço das supervisões clínicas — conduzidas por professor-orientador com consolidada experiência na abordagem —, torna-se possível a transmissão do saber psicanalítico ao apreender a transferência não como uma resistência estática, mas como o terreno vivo onde o paciente atualiza suas amarras libidinais e seus protótipos infantis inconscientes. Seja ante a vertente positiva de afetos amistosos ou sob os entraves hostis da transferência negativa,

esses fenômenos, quando se manifestam de forma encoberta, operam como ferrenhas resistências ao tratamento. Contudo, quando devidamente decifrados e manejados pelo estagiário advertido, convertem-se no material clínico mais fecundo e indispensável para a condução do caso.

Essa constante reflexão ética sobre a técnica exigida pelas ranhuras do serviço-escola evoca uma verdade epistemológica fundamental sobre a própria natureza da descoberta freudiana. Como pontua Figueiredo (2001), “supor que em algum lugar a Psicanálise esteja em casa, eis o problema. Ela nunca está absolutamente em casa, pois se estiver, já não é Psicanálise” (p. 5 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 80). Portanto, o desajuste e o estranhamento constitutivos que o estagiário vivencia ao confrontar as pressões institucionais por metas quantitativas ou respostas pedagógicas imediatas não devem ser interpretados como um desvio ou falha na formação, mas sim como a própria condição de existência da escuta analítica, que se recusa a silenciar o sintoma em prol de uma adaptação social corretiva.

Conforme essa perspectiva, a garantia de uma prática psicanalítica nos estágios supervisionados dos serviços-escola repousa na articulação de determinados arranjos e premissas éticas. Torna-se imperativo salvaguardar a “indissociabilidade entre prática e construção de saber que implique o praticante como desejante” (Aires, 2019, p. 50 apud Ortolan; Sei, 2022, p. 80). Evidencia-se, assim, que a *práxis* analítica se sustenta no Serviço-Escola de Psicologia (SEP) a partir do funcionamento articulado de três pilares desejantes essenciais: a consideração do usuário institucional como um sujeito cindido e desejante, o desejo do estagiário operando como o balizador capaz de sustentar e suportar o peso da transferência, e a posição desejante do supervisor-analista, que subsidia e orienta o funcionamento rigoroso dessa engrenagem clínica (Ortolan; Sei, 2022, p. 80).

Por fim, o percurso deste artigo reitera o profundo lugar político e a potência transformadora da Psicanálise no espaço universitário. Embora recente no horizonte das ciências modernas, a inserção da clínica do inconsciente nas instituições de ensino superior resgata a promessa freudiana de democratização do acesso à escuta qualificada. A universidade configura-se como um território privilegiado de frutificações, vocacionado à problematização crítica sobre o ensino, a transmissão da técnica e a subversão dos discursos de saber e poder dominantes. Os serviços-escola, como o Serviço de Psicologia Aplicado (SPA) da Faculdade católica de Pará de Minas (FAPAM), abrem uma via de mão dupla essencial para a comunidade e para a própria disciplina: uma passagem viva onde o sofrimento social entra para ser escutado em sua máxima singularidade e o rigor ético da Psicanálise sai dos muros acadêmicos para se consolidar como uma potente e necessária intervenção social na comunidade e na rede de saúde mental.

REFERÊNCIAS

FACULDADE DE PARÁ DE MINAS. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos e científicos**. Elaborado por Jordeilson de Lana Silva. 3. ed. Pará de Minas: FAPAM, 2021. 73 p.

FACULDADE CATÓLICA DE PARÁ DE MINAS. **Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia**. Elaborado por Éser Técio Pacheco et al. Pará de Minas: FAPAM, 2026. 146 p.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10**: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 133-146.

FREUD, Sigmund. Conferência 28: A terapia analítica (1917). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. p. 593-613.

FREUD, Sigmund. Conferência 27: A transferência (1917). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13**: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014b. p. 570-592.

FREUD, Sigmund. Caminhos da terapia psicanalítica (1919). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 14**: história de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 279-292.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (1915). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 12**: o caso introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 210-228.

FREUD, Sigmund. O início do tratamento (1913). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10**: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 163-192.

FREUD, Sigmund. “Psicanálise” e “Teoria da Libido” (1923). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 15**: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. p. 273-308.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 15**: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. p. 13-113.

FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1912). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10**: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d, p. 147-162.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Revista Synthesis, v.15, n.1, p.294-306, 2026. | 305

ORTOLAN, Maria Lúcia Mantovanelli; SEI, Maíra Bonafé. A Psicanálise nas instituições: considerações sobre a clínica psicanalítica em serviços-escola de Psicologia. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 63-88, jun. 2022.